

GÊNERO E PROFISSÃO DOCENTE: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS EDUCADORAS NA REVISTA DO ENSINO

COLLARES, J. ¹, BICA, A. C. ²

¹ Mestranda em Ensino pela Unipampa – Bagé – RS – Brasil – psicojucollares@gmail.com

² Doutor em Educação pela Unisinos – Bagé – RS – Brasil – alessandrobica@gmail.com

RESUMO

Investigar a profissão docente é perceber que existe um eixo extremamente rico para a pesquisa no que tange às questões relacionadas à discussão de gênero. O presente trabalho pretende abordar essa discussão através das representações sociais das educadoras na Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, apresentando a forma como essas mulheres foram retratadas por este periódico. Para este estudo, foram analisadas nove revistas que encontram-se no repositório digital da Universidade Federal do Pampa, entre o período de 1961 e 1971, tratando-se de uma pesquisa documental com abordagem qualitativa.

Palavras-chave: Gênero, Profissão Docente, Representações Sociais.

1 INTRODUÇÃO

A escrita deste trabalho nasce da proposta de uma componente curricular do curso de Mestrado em Ensino, na Universidade Federal do Pampa, componente esta denominada História da Formação Docente no Brasil e que tem como objetivo compreender as especificidades da formação docente no decorrer da história do país. Nesse sentido, cabe salientar também que, como finalizo neste momento uma especialização em Educação e Diversidade Cultural, e assim, escolhi como fonte de pesquisa para meu trabalho de conclusão do curso a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, parto então para a análise das questões de gênero imbricadas na profissão docente, buscando investigar como as educadoras foram representadas socialmente nesta revista.

A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul é um periódico gaúcho que teve duas fases de circulação, sendo a fase inicial na primeira metade do século XX e a segunda fase após a década de 1950. Nessa revista é possível encontrar propostas de atividades e informações variadas, todas destinadas a professores e professoras dos diferentes níveis de ensino.

A Imprensa Periódica Pedagógica funciona como um dos dispositivos de orientação e direção – intelectual e moral – do magistério rio-grandense, e também como mecanismo de educação continuada do professor; de conformação de suas práticas sociais e escolares. O discurso da Revista do

Ensino procura universalizar valores, a fim de produzir sentido ao leitor sobre a identidade do professor, engendrando e fixando um perfil ideal e idealizado (BASTOS, 1994, p. 142 apud GERVÁSIO e BICA, 2018, p.128).

Inferindo que os periódicos armazenam um conjunto de saberes produzidos pelos diferentes seres humanos e que, estes saberes estão relacionados a um momento específico da história da humanidade, de uma determinada sociedade, suas concepções e visões de mundo, escolheu-se, para este estudo, o embasamento na teoria das Representações Sociais, isto tendo em vista também minha formação inicial em Psicologia e uma particular identificação com o campo da Psicologia Social.

Para tanto, este resumo apresentará alguns conceitos e ideias acerca da Psicologia Social, das Representações Sociais e das relações de gênero e profissão docente, relacionando a alguns fragmentos da Revista do Ensino que já foram analisados. Cabe elucidar aqui que os fragmentos serão apresentados e discutidos de forma parcial, pois a pesquisa ainda encontra-se em curso.

A Psicologia Social sobre a qual buscarei embasar este trabalho não se trata daquela “psicologia individual clássica que concebe as causas do comportamento em nível intrapsíquico” conforme menciona Rey (2004, p. 77). Falar de Psicologia Social para mim é pensar numa Psicologia que vai além dos estudos mais biologicistas e que preocupa-se em explicar comportamentos como algo tão somente do indivíduo. É reconhecer os aspectos sociais e culturais como parte constituinte desse sujeito e também que ele próprio ajuda a construir a sociedade em que vive, o meio em que está inserido, através de suas relações sociais.

o homem fala, pensa, aprende e ensina, transforma a natureza; o homem é cultura, é história. Este homem biológico não sobrevive por si e nem é uma espécie que se reproduz tal e qual, com variações decorrentes de clima, alimentação etc. O seu organismo é uma infra-estrutura que permite o desenvolvimento de uma superestrutura que é social e, portanto, histórica. [...] O homem ou era socialmente determinado ou era causa de si mesmo: sociologismo vs biologismo? Se por um lado, a psicanálise enfatizava a história do indivíduo, a sociologia recuperava, através do materialismo histórico a especificidade de uma totalidade histórica concreta na análise de cada sociedade. Portanto, caberia à Psicologia Social recuperar o indivíduo na intersecção de sua história com a história de sua sociedade - apenas este conhecimento nos permitiria compreender o homem enquanto produtor da história. (LANE, 1985 p. 12)

É nesse sentido que torna-se importante pensar nas formas como os sujeitos constituem suas identidades nessas relações, em como eles formam as representações sociais das culturas, dos objetos e modos de agir de um determinado grupo ou sociedade, que pode atuar “na motivação das pessoas ao

fazer determinado tipo de escolha (comprar, votar, agir, etc.)”, conforme nos apontam Oliveira e Werba (2002, p. 107).

Estudar RS é buscar conhecer o modo como um grupo humano constrói um conjunto de saberes que expressam a identidade de um grupo social, as representações que ele forma sobre uma diversidade de objetos, tanto próximos como remotos, e principalmente o conjunto dos códigos culturais que definem, em cada momento histórico, as regras de uma comunidade. (OLIVEIRA e WERBA, 2002, p. 107)

Ao tomarmos como ponto de partida para este trabalho a Psicologia Social Crítica, que conforme Strey (2002, p. 181) “lança seu olhar para a história, para a sociedade e para a cultura, não conseguindo entender o ser humano separado dessas instâncias”, devemos pensar gênero sob a concepção de algo construído a partir das relações sociais e da vida em sociedade, ou seja, uma construção cultural.

Em um estudo sobre a feminização do magistério, as representações sociais e espaço docente, Louro (2007, p.465) apud Rosa (2011) destaca que:

Ao pensar nas mulheres em geral, especialmente nas professoras, percebemos que por muito tempo e na maior parte elas foram definidas e representadas ao invés de se autodefinirem. “Homens [...] auto-arrogando-se a função de porta vozes da sociedade, dizem sobre elas. Como consequência, elas também acabam frequentemente, definindo-se e produzindo-se em consonância com tais representações”

Assim, podemos inferir que ao longo da história da profissão docente, quando esta passa a ser exercida por mulheres, estas carregam consigo a representação que a sociedade construiu e lhes atribuiu sobre serem cuidadoras, maternais, como se essas características fossem inerentes à feminilidade.

Se de um lado, a presença feminina na profissão docente se dá de forma mais efetiva nos primeiros níveis da educação básica, por outro, são justamente esses níveis que requerem uma dedicação profissional em que a docência é confundida com a extensão da maternidade – a escola como a extensão do lar - e a professora vê sua identidade profissional trocada pelo papel da tia. (ATAÍDE e NUNES, 2016 p.170)

Esses aspectos apresentados acima estão sendo identificados nas análises da Revista do Ensino. A seguir busco apresentar alguns trechos encontrados na revista e que se relacionam tanto com a forma como este periódico entendia e estimulava sobre o ser/apresentar-se professora, quanto com a forma com que julgava que as educadoras deveriam proceder em relação aos seus alunos e alunas, reproduzindo a ideia da manutenção da chamada família nuclear, aquela composta por pai, mãe e filhos.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Por se tratar de pesquisa no campo da História da Educação, este trabalho se utiliza da análise documental, tendo como fonte nove exemplares da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, do período compreendido entre 1961 a 1971, disponíveis no repositório digital da Universidade Federal do Pampa, o TATU.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas revistas analisadas é possível identificar que a figura da professora aparece, tanto em textos escritos quanto imagens, muito vinculada à da mulher que deveria ter forte ligação com a família e a igreja, sendo responsável por transmitir esses valores aos seus alunos. É o que podemos verificar no trecho encontrado na revista de agosto de 1961: “A mestra caminhará, em sua vida profissional, de mãos dadas com a família, com a igreja, com as agências de recreação e com a comunidade, para neutralizar influências contraditórias”.

Além disso, como a revista tinha como um de seus papéis a sugestão de atividades, é possível identificar que muitas dessas atividades propostas pelo periódico reforçam os estereótipos de gênero, ditando o que seria atividade para as meninas e o que caberia aos meninos, conforme vemos na revista de setembro de 1962:

Se, na escola, a professora orientar suas alunas, elas poderão confeccionar maravilhas para o lar. Muitos dos trabalhos, mesmo, poderão ser executados em conjunto com os meninos, ficando, êstes, encarregados da parte de madeira, serrinha etc. e as meninas da parte da costura, bordado, etc.

O periódico também aborda questões referentes à educação dos filhos, dialogando com a professora para que possa orientar as famílias em como ter sucesso no estabelecimento de regras e limites em casa. Neste sentido, é possível perceber que, sempre que se reporta à vida em família, em geral a figura destacada para tal é a da mãe, o que repercutiu na afirmação e reafirmação da educação e do cuidado dos(as) filhos(as) enquanto responsabilidade materna.

4 CONCLUSÃO

Com vistas nos aspectos apresentados, podemos concluir que o periódico estudado representa a professora de acordo com o referencial de mulher da sociedade da época, aquela muito vinculada à vida em família, com papel

fundamental na educação das crianças e na transmissão de valores morais. Assim como o cuidado dos filhos ficava por conta das mães, considerando que os pais, enquanto provedores da família tinham suas responsabilidades na esfera pública, da mesma forma as professoras, que estavam ingressando no mundo do trabalho mas ainda pela ótica do cuidado, eram consideradas uma extensão da maternidade, devendo dar continuidade ao desenvolvimento das crianças, formando-os cidadãos exemplares que agiriam de acordo com as normas sociais.

REFERÊNCIAS

- Ataíde, P. C. e Nunes, I. M. L. (2016) Feminização da Profissão Docente: as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do ensino fundamental. *Revista Educação e Emancipação*, São Luís, v. 9, n. 1, jan./jun.
- Gervásio, S. C. M. e Bica, A. C. (2018) “Educar é construir para o infinito”: análise dos discursos transformadores relativos à Reforma de 1971 nos editoriais da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1972- 1974). *História em Revista*, Pelotas, 121-144, p.24/1, ago.
- Lane, S. T. M. (1985) A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In: Lane, S. T. M. e Codo, W. *A Psicologia Social: o homem em movimento*. 3ª ed. São Paulo, SP: Brasiliense, p. 10 -19.
- Oliveira, F. O. e Werba, G. C. (2002) Representações Sociais. In: Strey, M. N. et al. *Psicologia Social Contemporânea: livro-texto*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 104 – 116.
- Rey, F. L. G. (2004) *O Social na Psicologia e a Psicologia Social: a emergência do sujeito*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Rosa, R. V. M. (2011) Feminização do magistério: representações e espaço docente. *Revista Pandora Brasil*, edição especial nº 4 – Cultura e materialidade escolar.
- Strey, M. N. (2002) Gênero. In: _____ et al. *Psicologia Social Contemporânea: livro-texto*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 181 – 197.